



Apêti: uma experiência de formação de grupos agroecológicos

Christina Maria de Freitas Grupioni¹

Raphaela da Silva Mendes²

Willer Araújo Barbosa³

Guilherme Stutz Erthal⁴

¹ Engenheira agrícola e ambiental, Universidade Federal de Viçosa.

chrisgrupioni@gmail.com

² Engenheira agrônoma, Universidade Federal de Viçosa.

oliviabeatriz@hotmail.com

³ Doutor em Educação, Universidade Federal de Viçosa.

wbarbosa@ufv.br

⁴ Graduando em Engenharia Agrônoma, Universidade Federal de Viçosa.

guilhermestutz@gmail.com

RESUMO

O Grupo Apêti desenvolve trabalhos de estudo e práticas agrofloretais. Surgiu a partir da reunião de estudantes de pós-graduação e de graduação através de projetos de pesquisas realizados sobre sistemas agrofloretais, em 1995, na Universidade Federal de Viçosa. O grupo tem como objetivo a construção, expansão, troca e difusão do conhecimento teórico e prático acerca dos sistemas agrofloretais. As atividades realizadas pelo grupo são desenvolvidas para fortalecer a convicção de que a agrofloresta baseada em princípios da Agroecologia pode ser uma alternativa sustentável ao modelo de agricultura vigente. Também acontecem oficinas, cursos e palestras de SAFs para interessados. Essas atividades proporcionam o desenvolvimento e a experiência do trabalho em equipe e o contato com agricultores, estudantes e crianças, fortalecendo os laços com aqueles que se interessam pelo assunto, além de proporcionar a estudantes e egressos a oportunidade de compartilhar ideias e praticar os conceitos e as técnicas aprendidas em sala de aula. Em uma área experimental, promove-se a aplicação agroflorestral. A partir de metodologias participativas, o Apêti se articula a outros grupos agroecológicos e organizações sociais e, atualmente, é fomentador de uma Cooperativa de Trabalhos Técnicos em Agroecologia e Permacultura.

Palavras-chave: Agrofloresta; Apêti; Agroecologia; Formação universitária; Mercado de trabalho; Metodologia participativa.



Apresentação

O Apêti surgiu em 1995, a partir da reunião de estudantes da Universidade Federal de Viçosa (UFV), através de projetos de pesquisas realizados sobre sistemas agroflorestais. O nome Apêti é uma referência à agricultura realizada pelo povo indígena caiapó, que produz alimentos e caça de forma equilibrada com o meio ambiente. Os caiapó chamam de *apêti* a fase clímax de consórcios de diversas espécies de interesse alimentar, medicinais e madeireiros cultivados em clareiras circulares na floresta.

O grupo, durante anos, conduziu um sistema agroflorestal experimental dentro do campus da UFV, denominado Arboreto, um local de estudos e práticas. Em 2005, o grupo deixou a área, que foi reutilizada pela UFV. Em 2007, o grupo Apêti, em parceria com a organização não governamental Centro de Tecnologias Alternativas da Zona da Mata (CTA-ZM), deu continuidade aos estudos e práticas agroflorestais, em uma nova área cedida pelo próprio CTA-ZM. Além disso, integra o Apêti com suas atividades junto a sindicatos de trabalhadores e trabalhadoras rurais na Zona da Mata de Minas Gerais. A partir de então, realiza trabalhos de acompanhamento no plantio e manejo dos Sistemas Agroflorestais (SAFs) com agricultores familiares nas cidades de Divino, Araponga e Espera Feliz. Baseando seu trabalho em princípios agroecológicos, o grupo Apêti desenvolve a construção, a troca e a expansão dos conhecimentos teóricos e práticos acerca dos sistemas agroflorestais.

O Apêti está vinculado ao Programa de Extensão Teia/UFV (ProExt/MEC/SESu) que busca, desde 2005, intensificar as relações entre a universidade e a sociedade a partir da interação formativa de projetos, sujeitos e organizações. Realiza também atividades junto aos grupos agroecológicos Saúde Integral em Permacultura (Sauipe) e Grupo de Agricultura Orgânica e Agroecológica (GAO), formando assim, a partir de 2009, o Mutirão Ciranda, promovendo a articulação e a emergência de novas ideias e concretizando as atividades integradoras.

Atividades educativas, formais, informais e não formais (BRANDÃO, 2002) são desenvolvidas durante a semana para fortalecer a convicção de que a agrofloresta baseada em princípios da Agroecologia pode ser uma alternativa sustentável ao modelo de agricultura vigente, tais como: a Feira de Trocas, que constitui um espaço onde quem produz agroecologicamente possa vender ou trocar por outros produtos; a Quinta Agroecológica, um dia destinado à discussão de temas concernentes à Agroecologia,



por exemplo: educação no campo, educação em Agroecologia, uso de agrotóxicos, relação cidade-campo-ambiente-qualidade de vida, povos originários, geralmente com a contribuição de convidados que vivenciam experiências diferentes das nossas. Ocorrem, periodicamente, oficinas, cursos e palestras de SAFs para interessados da UFV em seus vários *campi* e outras instituições como o Instituto Federal de Educação Tecnológica de Alagoas. E, para colocar em prática, todos os sábados pela manhã há o manejo na nossa área experimental e oficinas de beneficiamento dos alimentos colhidos. Essas atividades proporcionam o desenvolvimento e a experiência do trabalho em equipe e o contato com agricultores, estudantes e crianças, fortalecendo os laços com aqueles que se interessam pelo assunto.

Atualmente, além da participação de seus membros em diversos projetos, o grupo Apêti contempla três projetos: **Difusão e aperfeiçoamento de técnicas agroflorestais na Zona da Mata mineira, Parte IV** (Pibex, 2012), este contempla e organiza todas as atividades realizadas pelo do Grupo; **Recuperação agroflorestal da cultura ameríndiafricana da Zona da Mata mineira** (Procultura, 2012 e 2013); e **Sistemas agroflorestais e Agroecologia como ferramenta de reintegração socioambiental de jovens da Casa de Acolhimento de Viçosa – MG** (Pibex, 2011), projeto que atualmente não conta com financiamento, mas está ativo voluntariamente.

Metodologia

Adotamos o *Dragon Dreaming*, uma metodologia e um conjunto de técnicas participativas baseada na abordagem de sistemas vivos para organização de projetos desenhados a partir da ecologia profunda e de recentes teorias científicas, tais como teorias de desenvolvimento e aprendizagem organizacionais, física contemporânea, teoria de sistemas e também na sabedoria de tradições ancestrais dos aborígenes australianos. Tem como princípios o empoderamento de indivíduos, a constituição de comunidades e o serviço ao planeta Terra (CROFT, 2011). É uma tecnologia social, criada por John Croft, geógrafo australiano, e vêm sendo aplicada há mais de 20 anos em projetos sociais, ambientais, institucionais e no planejamento estratégico participativo para projetos de desenvolvimento comunitário sustentável na Austrália, África, Papua Nova Guiné, Europa e, mais recentemente, no Brasil. Pode ser aplicado a qualquer grupo de pessoas que busca operatividade em projetos corporativos,



empreendimentos de negócios e iniciativas sociais. Integra teoria e prática de forma a conectar sonhos e potencializar ações.

Uma das premissas da metodologia é a existência de uma Equipe Sonhadora, que a partir de uma questão geradora possa possibilitar o processo do Círculo de Sonhar. Inclui-se a ênfase na escuta profunda através do chamado Pinakarri e a passagem de um bastão da fala de pessoa em pessoa que criam um sentido sagrado que emerge naturalmente em um bom Círculo de Sonhos, pois possibilita também aos mais desinibidos se expressarem (CROFT, 2010). O Pinakarri é uma doação de empatia profunda que exige que a voz individual interna da mente se silencie e a intenção na outra pessoa seja um engajamento de todos e todas. O Círculo dos Sonhos possibilita a construção de uma visão conjunta para um projeto.

O planejamento se dá por meio do *Karabirrdt*, que é uma palavra *Whadjuk Noongar*. *Kara* significa *aranha*, e *Birrdt* significa *teia*, o tabuleiro do jogo. As tarefas de um projeto, no *Karabirrdt*, são parte de um processo de fluxo da roda do *Dragon Dreaming*, ou seja, não separam as coisas em tópicos separados como no planejamento estratégico, por exemplo (CROFT, 2008). O *Karabirrdt* é o Tabuleiro do Jogo, no qual um projeto *Dragon Dreaming* é jogado.

Resumidamente, podemos dizer que há quatro estágios fundamentais a serem observados na metodologia:

- Sonhar, momento de perceber o novo, estágio do estímulo da intenção.
- Planejar, momento de pensar globalmente, estágio do limiar da possibilidade no contexto.
- Agir, que é exatamente o agir localmente, o estágio da ação do comportamento no compromisso.
- Celebrar, momento tão importante quanto os outros, o estágio da resposta de feedback na satisfação.

A Ecologia Profunda, em contraparte à Ecologia Rasa ou ambientalismo antropológico, não separa os seres humanos de outras esferas do ambiente natural, e sim o considera como mais um fio na teia da vida. Essa percepção da realidade, segundo CAPRA (2000), é consistente com filosofias de tradições espirituais dos místicos cristãos, budistas ou da filosofia e cosmologia subjacentes às tradições nativas de toda a América. A essência da ecologia profunda é formular questões mais profundas. Ou seja, é necessário questionar cada aspecto do velho paradigma para que se abra possibilidades



de mudança. A mudança de paradigmas requer uma expansão não apenas de nossas percepções e maneiras de pensar, mas também de nossos valores e práticas.

Os grupos de Agroecologia, evidenciando aqui o grupo Apêti, têm trabalhado na linha do diálogo com esse novo paradigma da Ecologia Profunda, que está enraizado na metodologia *Dragon Dreaming*. Por isso, o grupo Apêti vêm utilizando essa metodologia em suas reuniões semanais e para organizar e planejar as atividades a médio prazo.

O *4º Encontro Nacional dos Grupos de Agroecologia (IV Enga)*, que aconteceu em novembro de 2012 no campus da UFV, foi um espaço bem-sucedido fomentador de discussões com o sentido de fortalecer a Agroecologia como ferramenta política e de transformação social, por intermédio da articulação e formação dos grupos agroecológicos do Brasil. Participaram cerca de duzentas pessoas de várias regiões do país. O Mutirão Ciranda (GAO, Sauipe e Apêti), responsável pela construção e organização do *IV ENGA*, utilizou o *Dragon Dreaming* tanto para idealizar e preparar o encontro quanto como principal metodologia durante todo o encontro.

Dentre vários paradigmas a serem enfrentados, discutidos e evidenciados no *IV ENGA*, podemos citar: a Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica (BRASIL, 2012); a questão do agronegócio de forma geral, especialmente a problemática da expansão da fronteira agrícola e o deserto verde; a questão do paradigma do escravo intelectual que valoriza a pessoa mais competitiva, como se isso fizesse parte da natureza da espécie e a questão do conhecimento dominante transmitido nas universidades (ALTIERI, 1989).

Em relação ao último tópico citado, podemos afirmar que a Agroecologia não é parte estruturante do currículo acadêmico da universidade, tendo os grupos de Agroecologia um papel fundamental na criação, discussão e disseminação desses valores e forma de viver. Consequentemente, têm uma responsabilidade como atores e autores na sensibilização da comunidade acadêmica e na produção de material e metodologias apropriadas para lidar com o tema. Embora a abordagem da Agroecologia ocorra essencialmente de forma extracurricular na universidade, os grupos assumem um papel importante na disseminação e adaptação de técnicas e valores agroecológicos por meio da extensão universitária juntamente a produtoras e produtores rurais da região da Zona da Mata de Minas Gerais. São, portanto, agentes de transformação social à medida que interagem com a sociedade trocando saberes, levando um pouco de reflexões acadêmicas e trazendo experiências empíricas da realidade do campo.



O que se percebe, entretanto, é que muitos membros dos grupos de Agroecologia, embora adquiram vasta experiência e competências específicas na área de Agroecologia e permacultura, ao se formarem e irem procurar emprego, não raras vezes, têm dificuldade em encontrar um mercado de trabalho que os atenda como profissionais atuantes numa linha alternativa na construção de um novo paradigma que integra uma base de princípios diversos para a transição dos atuais sistemas produtivos convencionais para modelos mais sustentáveis de agricultura (ALTERI, 1989).

A partir da metodologia *Dragon Dreaming* e a discussão no *IV Enga* sobre acesso ao trabalho no viés agroecológico, surgiu um grupo inicial de pessoas sonhadoras, com a pergunta geradora: “Com o que nós, formados dos grupos de Agroecologia de Viçosa, podemos trabalhar sem sair da linha agroecológica que já fomentamos?” .

A partir da criação do grupo e da utilização da metodologia *Dragon Dreaming*, foi iniciado um processo e realizado o Círculo dos Sonhos para o trabalho, no qual apareceu a vontade de exercitar os valores agroecológicos de forma cooperativa, autônoma, em rede com outras instituições e agindo coletivamente para interferir no processo nacional de discussão sobre velhos paradigmas. Foi consenso a vontade de participar ativamente do movimento de Economia Solidária, de forma transparente e que o processo possa significar a criação de mais oportunidades para mais pessoas, ou seja, a ideia é ser um grupo que possa crescer sem perder os princípios. Dessa forma, repetimos: a utilização do *Dragon Dreaming* e a realização do *IV Enga* fortaleceram a ideia e possibilitaram a criação de uma Cooperativa de Trabalho e Serviços em Agroecologia e Permacultura formada por integrantes dos grupos de Agroecologia de Viçosa. A cooperativa de trabalho Cedro, com sede no Rio de Janeiro, já realizando há tempos um sonho do grupo de trabalhar em rede, assessorou o grupo e contribuiu significativamente para nossa institucionalização.

Considerações finais

As preocupações com o meio ambiente adquirem cada vez mais importância no mundo atual. Uma série de problemas globais com os quais nos defrontamos estão danificando a biosfera e a vida humana de uma maneira alarmante. São problemas sistêmicos, o que significa dizer que estão interligados e são interdependentes. Esses problemas precisam ser vistos como diferentes facetas de uma única crise, que, em



grande média, é uma crise de percepção (CAPRA, 1996). O grande desafio do nosso tempo, portanto, é criar comunidades sustentáveis. Comunidades sustentáveis são ambientes sociais e culturais onde podemos satisfazer as nossas necessidades e aspirações, sem diminuir as chances das gerações futuras.

A partir desse contexto, percebemos a necessidade de profissionais aptos para atuar na construção dessa nova realidade, promovendo um desenvolvimento sustentável, e nesta direção o grupo atua em sua formação. A criação da Cooperativa de Trabalho e Serviços em Agroecologia e Permacultura evidencia esse fato, pois atualmente atua com treze cooperados e mais cinco pessoas já estão se organizando para filiar.

Nesse contexto, o grupo Apêti se destaca, pois, ao participar de atividades que englobam a Agroecologia, possibilita aos seus membros uma formação diferenciada, uma vez que essas atividades buscam por transformação, renovação, emancipação, estabilidade, readaptação, transição, serenidade, disposição, organização e comunicação, além da experiência vivenciada, gerando, pela coletividade, o acúmulo de saberes e práticas. Como resultado, além da formação de profissionais críticos e questionadores e a ênfase na extensão universitária, tem-se também a formação cidadã de pessoas que se importam decisivamente com as questões socioeconômico-ambientais.

Referências bibliográficas

ALTIERI M. A. **Agroecologia**: as bases científicas da agricultura alternativa. Rio de Janeiro: PTA/FASE, 1989.

BRASIL. DECRETO Nº 7.794, DE 20 DE AGOSTO DE 2012. Política Nacional de Agroecologia e Produção Orgânica.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **A educação como cultura**. São Paulo: Mercado da Letras, 2002.

CAPRA, Fritjof. **A teia da vida** – uma nova compreensão dos sistemas vivos. São Paulo: Cultrix, 2000.

_____. **O tao da física**. São Paulo: Cultrix, 1996.

CROFT, John. **Who or what is gaia? Blood music** – the Earth from myth to movement. Fact Sheet Number #02. 2011. Disponível em <<http://www.dragondreamingbr.org/portal/index.php/2012-10-25-17-02-40/downloads.html>> acessado em 15 de janeiro de 2013



_____. **Como conduzir um círculo de criação de Dragon Dreaming.** Ficha técnica número 12. 2010. Disponível em <<http://www.dragondreamingbr.org/portal/index.php/2012-10-25-17-02-40/downloads.html>> acessado em 15 de janeiro de 2013.

_____. **Planejando um projeto** – como criar um ka: um guia para facilitadores. Ficha técnica número 15. 2008.



Figura 1: Reconhecimento da área Apêti, no CTA-ZM, juntamente com a equipe da Cedro.



Figura 2: Uma das primeiras reuniões da Cooperativa de Trabalho.



Figura 3: Manejo semanal na área do Apêti.





Figura 4: Produção de puba após a colheita da mandioca.



Figura 5: Oficina com Patrícia Vaz para implantação de nova área no Apêti.